

## Você saberia reconhecer um agressor?

Provavelmente não. Esse criminoso, na maioria das vezes, leva uma vida tão “normal” quanto a da vítima.

Quem abusa de criança ou de adolescente dentro da própria família muitas vezes é visto como um monstro. E pode até ser, considerando as proporções do crime. Mas nem por isso deve ser tratado como tal. “Um pai que abusa de um filho não tem consciência de que aquilo é errado, ou pode até ter, mas normalmente não tem”, explica o psiquiatra Claudio Cohen, que nos casos de incesto substitui os conceitos de vítima e agressor pelo de “abuso intrafamiliar”, em que é a dinâmica da família que permite a existência da relação incestuosa.

### Todo mundo no divã

Defensor do direito de tratamento psicológico não só para a pessoa abusada, mas também para seu abusador, Cohen, coordenador do Cearas, na USP, ainda é um dos precursores de uma proposta ousada: tratar todos juntos, incluam-se aí os irmãos e a mãe. “Nós descaracterizamos isso para tratá-los como família incestual, em que todos se relacionam com isso de alguma forma.”

Essa nova dinâmica dá vazão a um sistema judiciário um tanto antiquado, que começa agora a enxergar o agressor como uma pessoa doente (não só como criminoso) e até mesmo o discurso de uma vítima, por exemplo, como prova – não precisando necessariamente de provas físicas, muito difíceis nesses casos.

Só vale ressaltar que esse tipo de tratamento não exclui as sanções penais previstas por lei para o abusador.

### “Pode ser qualquer um”

É claro que muita gente envolvida numa história de abuso se sente “apta” a julgar um agressor sexual socialmente. Principalmente se ele se enquadra naquele perfil estereotipado do bêbado-violento-drogado. Ou até daquele tio “mais tarado”. Acontece que na maioria das vezes o abusador não tem perfil nenhum. “Muita gente chega aqui e me pergunta qual é o perfil do agressor. A resposta? Poderia até ser eu. Sou um médico, um pai exemplar, pago as contas de casa... A verdade é que não existe uma resposta fácil, cheia de itens”, cutuca Jefferson Drezett, também consultor em violência sexual da Coordenação Nacional DST/Aids do Ministério da Saúde.

### Pai ou abusador?

O agressor pode ser um cara “normal”, mas que tem um desvio de comportamento, uma visão distorcida da relação familiar ou entre homem e mulher. “É aquele pai que vê a filha chegar da escola, sobe ao quarto dela e vira para a janela sem falar nada, enquanto ela tira a roupa. Depois tem relações com a menina e sai do quarto. Quando ela desce para almoçar, cumprimenta-a como se a estivesse vendo pela primeira vez, pergunta como foi a escola, como está indo a aula de inglês. É como se reassumisse o papel de pai, que fica em suspenso quando ele está no quarto dela”, exemplifica a pesquisadora baiana Marlene Vaz, que estuda a questão há mais de 20 anos.

Isso também só contribui para deixar a cabeça da pessoa abusada mais confusa. “É angustiante desassociar a figura do pai da do agressor. Até porque ele usa a própria família nas ameaças que faz, dizendo, por exemplo, que ela pode separar todo mundo com a verdade”, explica Marlene. Pais e padrastos são maioria entre os agressores.